

REVERBERAÇÕES FREIRIANAS E EDUCAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO

FREIRIAN REVERBERATIONS AND EDUCATION IN THE PANDEMIC CONTEXT

Simone Kniphoff Thomas
ORCID 0000-0002-2678-9316

Bibliotecária Escolar, SMED/NH RS
Mestrado em Educação, UNILASALLE
Canoas, Brasil
simone.202120848@unilasalle.edu.br

Fabrício Pontin
ORCID 0000-0002-3984-1849

Professor Universitário, UNILASALLE
Canoas, Brasil
fabricio.pontin@unilasalle.edu.br

Resumo. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre nossas vivências dentro da escola de educação básica no momento pandêmico e como os ensinamentos de Paulo Freire nos auxiliaram a manter uma educação humanizada mesmo em um contexto de ensino remoto emergencial em que perdemos o contato humano frente a frente com os estudantes. As reflexões aqui elencadas, utilizando a abordagem metodológica da fenomenologia proposta por Husserl, se propõe a expor e discutir as medidas tomadas, como proposta a reforçar e esclarecer que existiu educação no ensino remoto emergencial. Como Freire defende, somos seres políticos e nossos posicionamentos frente à sociedade refletem nossa formação. Ou seja, é impossível para o ser humano se manter na neutralidade, ainda mais em um contexto pandêmico em que foram muitos os sentimentos que nos permeiam e nos fizeram questionar a existência de humanidade em nossos representantes políticos diante dos desafios impostos nesse contexto.

Palavras-chave: Educação Básica. Pandemia Covid-19. Ensino Remoto Emergencial.

Abstract. This article aims to reflect on our experiences within the elementary school at the time of the pandemic and how Paulo Freire's teachings helped us to maintain a humanized education even in an emergency remote teaching context in which we lost face-to-face human contact with the students. The reflections listed here, using the methodological approach of phenomenology proposed by Husserl, propose to expose and discuss the measures taken, as a proposal to reinforce and clarify that there was education in emergency remote teaching. As Freire argues, we are political beings and our positions towards society reflect our formation. That is, it is impossible for human beings to remain neutral, even more so in a pandemic context in which there were many feelings that permeated us and made us question the existence of humanity in our political representatives in the face of the challenges imposed in this context.

Keywords: Elementary School. Covid-19 Pandemic. Emergency Remote Teaching.

REVERBERAÇÕES FREIRIANAS E EDUCAÇÃO

Paulo Freire foi um importante educador brasileiro, que deixou suas marcas para melhorias do ensino no país em que vivemos. Conforme afirma Andreola (2008, p. 77) “O que me parece importante é salientar a centralidade da reflexão ética em sua obra e da fundamentação ética em seu discurso pedagógico-político, bem como de toda a sua prática de maior educador do século”. Assim, este texto propõe reflexões sobre o período de pandemia que vivenciamos nos últimos anos, bem como as potencialidades e fragilidades das ações que tomamos para seguir oferecendo uma educação de qualidade aos estudantes. Sendo o acesso à educação garantido pela lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, e neste artigo tendo como enfoque a partir do que seria um ensino de qualidade apontado em escritos freirianos.

O método utilizado para essa pesquisa consiste em uma análise, pelo viés da fenomenologia, das vivências durante e após a pandemia da COVID-19, com uma abordagem qualitativa e levantamento bibliográfico para embasamento teórico. A fenomenologia, conforme nos descreve Brancatti e Rinaldi (2021, p. 490), etimologicamente consiste em: “um método filosófico que desvela a cotidianidade do mundo vivido, onde a experiência se passa e transparece na descrição das vivências.”. Para Husserl, conforme descrevem os teóricos Lopes & Ferreira (2019), a fenomenologia consiste em um método construído a partir da descrição, conforme nos descrevem os teóricos:



De forma resumida, o ato de descrever é dizer aquilo que se vê, tentando ser o mais completo possível. Entende-se essa descrição no método a partir da ação como algo singular, colocada entre um processo que considera a completude da situação como inalcançável, mas, ao mesmo tempo, permanentemente buscável. (Lopes & Ferreira, 2019, p. 223)

Assim, comprehende-se que as vivências partem do ponto de vista dos autores do texto e que por mais que se busque uma descrição mais completa possível, todo relato tem suas limitações. Conquanto, a abordagem pelo método fenomenológico extrai a objetividade, o conhecimento a partir das subjetividades dos sujeitos, que como Depraz (2011, p. 21) defende: “[...] Nem conteúdos, nem estados, nem atos da consciência, as vivências de um sujeito formam a textura imanente de sua consciência, pela qual é capaz de se apropriar dos objetos do mundo [...]”.

A escrita considerando a abordagem fenomenológica se torna, dessa maneira, uma forma de abordar o vivido para compreendê-lo melhor. Consiste em uma tentativa de explicitar ações com tal consistência a ponto de compreendê-las tão profundamente e poder ressignificá-las em diferentes contextos.

A partir dessa abordagem, percebe-se que na pandemia, surgiram uma série de questionamentos para aqueles que trabalham na área da educação básica. Por exemplo: Eles são obrigados a ficar em casa, como faremos? o que faremos? para que faremos? As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013) abordam essa temática já na sua apresentação:

A Educação Básica de qualidade é um direito assegurado pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Em um dos fundamentos do projeto de Nação que estamos construindo, a formação escolar é o alicerce indispensável e condição primeira para o exercício pleno da cidadania e o acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos (Brasil, 2013, p.4).

Percebemos a importância da educação na vida das crianças e jovens, e que o confinamento, inicialmente com previsão de quinze dias, seria de um tempo muito maior do que o previsto. Tendo essa questão em vista, é importante salientar ainda que, para o documento, a Educação deve necessariamente ser de qualidade social, ou seja:

Compreender e realizar a educação, entendida como um direito individual humano e coletivo, implica considerar o seu poder de habilitar para o exercício de outros direitos, isto é, para potencializar o ser humano como cidadão pleno, de tal modo que este se torne apto para viver e conviver em determinado ambiente, em sua dimensão planetária. A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam. Educação consiste, portanto, no processo de socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam saberes, conhecimentos e valores (Brasil, 2013, p. 16, grifo no original).

Entretanto, como sujeitos que vivenciaram apenas a educação presencial, poderiam em meio a uma pandemia, em que nos preocupamos com tantas questões de sobrevivência, continuar a instigar seus alunos sem estarem fisicamente ao seu lado? A primeira coisa que muitas escolas pensaram, foi justamente no que se concerne o parágrafo citado acima, educar sujeitos para que possam se tornar cidadãos plenos, que consigam conviver em sociedade em diferentes contextos.



Tendo em vista que, de acordo com a Fundação ABRINQ (2021) [...] *mais de 98% das escolas do País adotaram o ensino não presencial*, as aulas em plataformas online corroboraram positivamente ao estabelecer conexões e diálogo entre os sujeitos sem que esses precisassem se deslocar e correr o risco de contaminação no caminho. Nessa nova realidade, os educadores se viram desafiados a transmitir mais que apenas conteúdos, característica que já deveria ser uma realidade no ensino presencial, mas que muitas vezes não ocorria, pois conforme reflexão dos autores, internalizamos o aprendizado de uma maneira opressiva na infância e isso repercute em nós:

[...] E quando este ódio não pode ser expresso, muitas vezes por medo de sofrer alguma retaliação, então se consolida um téreo fértil para vicejar o que Paulo Freire denominou como hospedagem do opressor: o estudante poderia concluir que, se internalizasse em silêncio a opressão, futuramente teria a oportunidade de manifestá-la quando se tornasse um professor(a) – opressor(a) inclinado(a) às práticas da educação bancária. (Zuin & Mello, 2021)

No contexto de isolamento social, a apreensão dos educadores era muito grande, pois estruturamos planejamentos para um contexto online, mas estávamos reféns de decretos que a qualquer momento poderiam nos colocar no modo presencial novamente, tendo que adaptar às pressas novas abordagens pedagógicas para outro contexto. O sentimento de insegurança com nossos governantes e seus decretos aumentaram, as crises foram tantas que jamais imaginávamos. Andreola (2008) já nos apontava reflexões nesse sentido ao abordar em seu artigo sobre a obra de Freire:

[...] As ameaças ao nosso planeta são hoje tantas e tão descomunais, que se torna tragicamente ridículo um presidente pensando que possa preservar a segurança e o bem-estar de seu povo, através de um escudo protetor, ao mesmo tempo que lidera as piores formas de devastação de todas as formas de vida e de convivência. [...] (Andreola, 2008, p. 84)

Vivenciamos uma pandemia com um governo autoritário e não preocupado em preservar vidas, deixando isso claro em diversas aparições nas mídias. Paulo Freire (2021) em seu ensaio “Educação como prática de liberdade”, apesar de estar se referindo à outra forma de confinamento, inicia suas reflexões apontando a importância das relações entre os seres humanos para a possibilidade de criação, para o fortalecimento da cultura, em que é preciso existir liberdade e diálogo para uma sociedade pulsante e criativa. A teórica e também estudiosa das teorias de Paulo Freire, nos alerta que:

Essa prática pedagógica crítica é urgente e necessária uma vez que as relações desiguais produzem subordinações, opressões, silenciamentos, injustiças, relações autoritárias. Trabalhar pedagogicamente, numa sociedade de relações desiguais, implicará sempre estar ao lado dos mais fracos, dos menos atendidos, a favor de práticas institucionais que operam contra as condições opressivas. [...] (Franco, 2021, p. 727)

Nessa linha, cabe ressaltar também que Freire, em “Pedagogia do oprimido” (2013, p. 54) já nos apresentava um cenário de opressão que temos até hoje, ao afirmar sobre as massas e o interesse dos políticos na “permanência delas em seu estado de ‘imersão’ em que, de modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como ‘situação limite’ que lhes parece intransponível.”.



Sabemos que as restrições do ir e vir, durante a pandemia, foram amplamente discutidas, como forma de diminuir a proliferação do vírus e a preservação das vidas. Os órgãos regulatórios restringiram a possibilidade de interagirmos um com o outro, nos incluindo em um contexto em que devíamos evitar aglomerações, evitar o contato físico, nos adaptar ao que alguns chamavam de novo normal. Pensando nesse contexto de adaptação, ressalto abaixo a reflexão do autor sobre distintas formas de adaptação:

A integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, e não simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera de contatos, ou sintoma de sua desumanização, implica que tanto a visão de si mesmo como a do mundo não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza. [...] Faltalhes-ia a marca da liberdade. Por isso, toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora. (Freire, 2021, p. 58-59)

Aprendemos muito em pouco tempo, um período de adaptação ao ensino remoto, mas também um momento de integração em que muitos educadores fizeram o possível para manter uma educação de qualidade nas escolas em que atuam mesmo sem estar presencialmente com seus estudantes. As ferramentas utilizadas precisavam ser aprendidas pelos educadores e ser acessíveis aos estudantes, assim o educador precisava propor atividades dependendo dos recursos que sua equipe de colegas teria disponível e também seu público alvo. Pensando nessas questões, trago abaixo algumas afirmações do autor para ponderarmos:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades, nem das culturas. E, à medida que cria, recria e decide, vão se conformando às épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (Freire, 2021, p. 60)

O fato de não habitarmos a escola fisicamente durante a pandemia, não nos tirou a capacidade que nos torna mais humanos, seguimos ávidos por trocar ideias, dialogar, criar e recriar. Por isso, fomos desafiados a estabelecer essas relações sem estarmos fisicamente próximos. Como Freire afirma (2021, p. 84) “[...] receptividade ao novo, e pela não recusa ao velho só porque é velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos. Por se inclinar sempre a arguições.”. Nós nos integraramos a diferentes recursos para seguir oferecendo as práticas educativas que já eram propostas em sala de aula, para seguir a disponibilizar possibilidades de aprendizagens mesmo que em diferente contexto.

Pensando nessas novas relações, Paulo Freire (2021, p. 120) já refletia sobre esses sujeitos, no contexto de seu tempo, ao afirmar que “comandado pelos meios de publicidade, a tal ponto que em nada confia ou acredita se não ouviu no rádio, na televisão, ou se não leu nos jornais”. Dessa maneira, proibir os estudantes, por exemplo, do acesso ao smartphone para encontrar o resultado de suas perguntas e indicar que somente podem consultar fontes impressas, já não é



uma maneira eficiente de instigar o olhar crítico, a pesquisa científica, a criatividade respeitando o contexto histórico de vivências dos indivíduos.

No segundo capítulo do livro “Educação como prática de liberdade”, Paulo Freire (2021) nos apresenta um panorama da história do Brasil como maneira de refletir sobre o mutismo da população brasileira frente aos problemas, enquanto governados por gestões autoritárias e antidemocráticas. O autor aponta (FREIRE, 2021, p. 103-104, grifo nosso) que com a família real foram criadas possibilidades de o homem livre realizar novas experiências, mas impostas de maneira vertical e não preocupada em promover a acessibilidade do conhecimento para gerar cidadãos críticos: “[...] nos princípios do século passado, o primeiro surto de reformas de que iria surgir, entre outros, o reforçamento do poder das ‘cidades indústrias ou atividades urbanas’. O nascimento das escolas. De imprensa. De biblioteca. De ensino técnico.”. Sobre esse olhar da necessidade de fazer o homem entender sua relação com o mundo, a autora ressalta que:

Até então, pressupunha-se a educação como uma forma de encaminhar os educandos à cultura letrada da elite e Paulo Freire recoloca esta situação, no sentido de alertar que a educação tem por finalidade a humanização do próprio homem e deve ser um instrumento que permita ao educando ressignificar sua humanidade, redescobrir seu lugar no mundo, amalgamar-se com sua cultura, dela se fazer um elemento e transformar essa cultura à medida que a apreende e se transforma como elemento da cultura. Portanto a educação passa a ser vista não mais como instrumento que deva propiciar a posse de uma cultura estranha e construída por outros, mas um processo de fazer dos educandos, homens em plenitude com seu papel de produtor, interpretador de cultura e capaz de apreender e construir cultura. Enfim, nova tensão pedagógica/antipedagógica: a educação se destina a formar homens ou a dotá-los de conhecimentos previamente selecionados e julgados como sendo os necessários? (Franco, 2021, p. 736)

Mesmo com tantos debates sobre o tema, percebemos até hoje a preocupação tecnicista na formação dos sujeitos. Formar indivíduos para apertar parafusos ainda é algo presente em nosso sistema educacional. Os serviços disponibilizados em bibliotecas, espaços para os homens livres realizarem novas experiências conforme elencado por Paulo Freire, vêm se estruturando cada vez mais no auxílio ao acesso à informação, seja ela no meio online ou impresso.

Esses espaços escolares têm, assim, um forte papel nas instituições como o setor preocupado em oferecer informação de qualidade e combate às “fake news”. Além de promover um espaço de acolhida para a formação em diálogo com textos literários, como acontece, principalmente, na Educação Infantil e Anos Iniciais em que são promovidos momentos de Hora do Conto, não apenas propostas para aproximar os leitores dos livros, mas promover também um momento de diálogo para compreender melhor o mundo, o outro e nós mesmos. Reflexões essas que ressaltam nossa humanização constante. Sobre essas questões Freire (2013) afirma que:

[...] Ambas, na raiz de sua inconclusão, os inscrevem num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão (Freire, 2013, p. 40)

Retomando também os aspectos levantados na obra “Educação como prática da liberdade”, precisamos ponderar melhor sobre nosso contexto e o resultado dessas ações que vivenciamos com a finalidade de nos tornarmos educadores com senso crítico a partir da realidade experienciada e não apenas a postura de passividade frente aos acontecimentos.



Portanto, os educadores que encontraram um propósito para o uso das ferramentas digitais na educação se abriram para novas possibilidades. Essa abertura para o novo é crucial para uma educação de qualidade, como defende Freire (2021):

À medida, porém, que amplia o seu poder de captação e de resposta às sugestões e às questões que partem de seu contorno e aumenta o seu poder de dialogação, não só com o outro homem, mas com o seu mundo, se “transitiva”. Seus interesses e preocupações, agora se alongam a esferas mais amplas do que à simples esfera vital. [...] Por isso mesmo que existir é um conceito dinâmico. Implica uma dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com o seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas, que o faz histórico. Por isso, nos referimos ao incompromisso do homem preponderantemente intransitivado com a sua existência. [...]. (Freire, 2021, p. 82-83, grifo do autor)

Em suma, nós somos o que somos a partir das interações com o outro. Muitos apontam como as nossas relações mudaram com a chegada da globalização e da era digital. No contexto do isolamento, essas ferramentas se tornaram fundamentais para nossa existência, nosso modo de significar o mundo. Nossas leituras, de diferentes maneiras, possibilitaram que conseguíssemos seguir sendo permeados por diversas vivências, dando maior significado às nossas vidas e relações com os outros, com o mundo.

Os educadores tiveram de se reinventar com as ferramentas disponíveis para propiciar as aulas aos estudantes. O olhar para o educando foi ainda mais aprofundado, tendo em vista que nas aulas online entramos dentro da casa dos estudantes, bem como eles entraram na nossa. Precisamos lidar com a realidade que nos cerca, bem como com as realidades virtuais e as diferentes maneiras de acessibilidade. Adaptações necessárias para manter um ambiente propício aos novos aprendizados e interações entre comunidade escolar, conforme nos descreve o autor:

Os alunos nascem diante dos professores, uma e outra vez. Surgem de dentro de si mesmos a partir do entusiasmo e das palavras dos professores que os transformam em melhores versões. Quantas vezes me senti outro depois de uma aula brilhante. Punha-me a caminho de casa como se tivesse crescido um palmo inteiro durante cinquenta minutos. Como se fosse muito mais gente. Cheio de um orgulho comovido por haver tantos assuntos incríveis para se discutir e por merecer que alguém os discutisse comigo. (Mãe, 2022, p. 1)

Foram tempos em que as relações e diálogos se deram em formato à distância, mas apesar da distância física, seguíamos presentes na vida dos estudantes. Essa presença foi fundamental para se manter e estimular os vínculos na escola, espaço de importante socialização e construção de sujeitos na sociedade. Os serviços oferecidos pela biblioteca escolar de maneira virtual se mostraram essenciais para seguir estimulando a leitura literária, bem como as reflexões sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Na perspectiva da família, pesquisas apontam uma série de dificuldades sobre como foi oferecida a educação no contexto pandêmico, conforme nos aponta a pesquisa *Impactos da pandemia na educação no Brasil*, no site do Senado Federal:

Um dos principais efeitos relatados pelos participantes foi o impacto na rotina da casa. Muitos expressaram a dificuldade de conciliar o trabalho com aulas online dos filhos(as). Os pais se sentiram sobrecarregados.



É possível perceber que a sensação dos pais é a de que a responsabilidade pelo ensino dos filhos tinha sido inteiramente repassada para eles, deixando a escola com o papel secundário de apenas acompanhar a realização das tarefas. Porém, em muitos casos os pais não tinham condições de ensinar os filhos(as), seja por falta de tempo ou por falta de conhecimento. (Brasil, 2022)

Na pesquisa citada acima, mesmo o enfoque para aspectos negativos da educação no contexto pandêmico tendo sido maior, a ponto de ressaltar falas como no trecho: "Durante a pandemia era só brincadeira, nada de estudo. Para mim foram 2 anos perdidos." Homem, Grupo Misto 25 a 40 anos – Salvador. (Brasil, 2022), no final do texto também ressaltaram alguns aspectos positivos como a aproximação das famílias com a rotina escolar dos filhos. Conforme discutido em trechos anteriores, em nenhum outro momento da história da humanidade a escola esteve tão dentro da vida dos educadores e da vida familiar. Com o ensino remoto emergencial, o ambiente escolar e a rotina do lar se misturaram.

Assim, as relações no meio virtual se tornaram os encontros mais frequentes e a maneira mais segura de seguirmos presentes na vida uns dos outros, sem corrermos o risco de disseminar o vírus. A presença à distância e o fortalecimento dos vínculos foram essenciais para se manter as possibilidades de aprendizagem nas aulas online. Mesmo não sendo o ensino ideal, foi a educação possível de se propiciar em um contexto não planejado pelos educadores. Esperamos que trabalhos como este auxiliem a refletir e termos um melhor embasamento caso algo nas mesmas proporções volte a acontecer.

REFERÊNCIAS

- Andreola, Balduino A. (2008). Radicalidade ética da pedagogia do oprimido. *Revista La Salle de Educação, Ciência e Cultura*, 13(1). pp. 75-87.
https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/Educacao/V13_1_2008/05_Balduino_AAndreola.pdf.
- Brancatti, P.R. & Rinaldi, R.P. (2021) A fenomenologia e a história de vida. *Educação E Filosofia*, 34(71), pp.489–507. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v34n71a2020-55530>
- Brasil. Ministério da Educação. (2013). *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. MEC, SEB, DICEI. <http://gg.gg/gwsep>.
- Brasil. (1996). *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf.
- Brasil. Senado Federal. (2022). *Impactos da pandemia na educação no Brasil*.
<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil>
- Depraz, N. (2011). *Compreender Husserl*. (3. ed.). Vozes.
- Franco, M.A.S. (2021). Pedagogia crítica: a radicalidade da dialética dominação-resistência. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, 13(31), pp.726-742.
<https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1183>
- Freire, P. (2013). *Pedagogia do oprimido*. (55. ed.). Paz e Terra.
- Freire, P. (2021). *Educação como prática da liberdade*. (51. ed.). Paz e Terra.
- Fundação Abrinq. *Entenda como a pandemia impactou a Educação no Brasil*. (26 out. 2021).
<https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil>.



Lopes, L. S., & Ferreira, A. V. (2019). A fenomenologia como possibilidade de método investigativo em pesquisas educacionais. *Movimento-Revista De educação*, (10), pp. 219-238. <https://doi.org/10.22409/mov.v0i10.515>.

Mãe, V.H. Belíssima reflexão: ‘Os professores’, por Valter Hugo Mãe. *Revista Prosa Verso e Arte*. (25 abr. 2022). https://www.revistaprosaversoarte.com/belissima-reflexao-os-professores-por-valter-hugo-mae/?fbclid=IwAR15L5vTK9R4_NXO3kp8Q4dYq4e1a0s9TLl_p7SRExb0r4d0XHGomTec-U&authuser=0.

Zuin, A. & Mello, R.R. (2021). Por uma pedagogia da esperança e da autonomia na era da cultura digital. *Revista Pro-Posições*, 32. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0110>

